

## *A Arte Musical*

Sob o título genérico de *A Arte Musical* publicaram-se em Portugal cinco periódicos diferentes entre 1873 e 1973. O presente volume é dedicado apenas aos dois primeiros, que constituem a parcela oitocentista deste conjunto de periódicos e que, reflectindo as limitações do meio musical português, tiveram uma duração relativamente curta: o primeiro de 1873 a 1875 e o segundo de 1890 a 1891.

*A Arte Musical. Jornal Artístico, Critico e Litterario*, de periodicidade trimensal, constitui o primeiro periódico português especialmente dedicado à música, tendo iniciado a sua publicação a 1 de Setembro de 1873 e terminado no final de 1875 depois de um período de irregularidade entre os meses de Maio e Dezembro desse ano. Embora com a participação de alguns músicos práticos, como Joaquim José Garcia Alagarim (1830-1897), violinista e compositor, e Eugénio Ricardo Monteiro de Almeida (1826-1898), director da orquestra do Teatro da Rua dos Condes e professor do Conservatório de Lisboa, o núcleo de maior relevo de redactores e correspondentes de *A Arte Musical* era composto por alguns pioneiros da musicologia portuguesa, com destaque para Joaquim José Marques (1836-1884). Tendo vivido durante alguns anos no Rio de Janeiro e viajado pela Europa e África, este bibliófilo e investigador colaborou com Fétis na *Biographie Universelle des Musiciens*, foi autor de uma *Cronologia da Ópera em Portugal* publicada originalmente nas páginas de *A Arte Musical*<sup>1</sup> e fundou ainda o jornal *Amphion* (1884), que em boa parte pode ser considerado como o continuador da primeira *A Arte Musical*.

Em torno de Joaquim José Marques agruparam-se outros eruditos como o jurista e músico amador russo Platon Lvovitch de Vaxel (1844-1917), que viria a ser correspondente do jornal em Leipzig e S. Petersburgo, tendo-se dedicado entre 1862 e 1870, a partir da Ilha da Madeira, à elaboração da primeira história da música portuguesa de relevo (para a qual contou também com a colaboração de Marques e cuja publicação parcial teria lugar em *A Arte Musical*),<sup>2</sup> bem com o polígrafo Joaquim de Vasconcelos (1849-1936), que tinha feito a sua formação académica em Hamburgo e se tornou membro da Gesellschaft für Musikforschung de Berlim em 1874. Durante o período em que decorre a publicação de *A Arte Musical* Vasconcelos, apesar de ter cerca de vinte e cinco anos, tinha já publicado a maior parte dos seus trabalhos musicográficos, tais como *Os Musicos Portuguezes* (1870), *Luiza Todi* (1873) ou o *Ensaio Critico sobre o Catalogo d'El-Rey D. João IV* (1873),<sup>3</sup> alguns dos quais foram incluídos parcialmente nas páginas do jornal.

<sup>1</sup>Iniciada no nº 21, 20 de Março de 1874, e editada postumamente em livro por sua filha Laura Wake Marques (Lisboa, A Artística, 1947).

<sup>2</sup>Iniciada no nº 42, 21 de Outubro de 1874. A série foi retomada no jornal *Amphion* e publicada em alemão sob o título "Portugiesische Musik" in Herman Mendel e August Reissmann (eds.), *Musikalisches Conversations-Lexikon, Ergänzungsband* (Berlim, Robert Oppenheim, 1883), pp. 492-550 (publ. em separata como *Abriss der Geschichte der portugiesischen Musik von Dr. Platon von Waxel*).

<sup>3</sup>*Os Musicos Portuguezes. Biographia. Bibliographia*, 2 vols. (Porto, Imprensa Portuguesa, 1870). *Luiza Todi. Estudo Critico* (Porto, Imprensa Portuguesa, 1873). *Ensaio Critico sobre o Catalogo d' El-Rey D.*

Com apenas quatro páginas, *A Arte Musical* apresenta uma estrutura muito semelhante à da maior parte dos periódicos musicais oitocentistas, sendo composto a duas colunas com um folhetim na parte inferior das duas páginas iniciais. A parte superior da primeira página é geralmente preenchida com editoriais ou com a apresentação de críticas aos espectáculos do Teatro de S. Carlos de Lisboa, que constituíam o ponto mais alto da vida musical portuguesa. Embora com menos frequência, são também tratados outros acontecimentos de relevo a nível nacional, como a apresentação no Porto das óperas *Eurico* de Miguel Ângelo Pereira (1843-1901)<sup>4</sup> e *A Renegada* do compositor galego Antonio Reparaz,<sup>5</sup> ou a actividade das sociedades de concertos. Quando o teatro se encontrava fechado, este espaço era preenchido com artigos de fundo, umas vezes de carácter biográfico (sobre figuras destacadas da música portuguesa como Francisco Xavier Migone, João Domingos Bomtempo ou João António Ribas), outras de carácter histórico, como a apresentação do estudo do espanhol José Maria Varela Silvari sobre a história da música em Portugal.<sup>6</sup> Encontramos também traduções de artigos estrangeiros sobre questões ou personalidades de relevo, como por exemplo "A musica allemã e a musica latina" de E. Millet,<sup>7</sup> ou "Ricardo Wagner e Francisco Liszt. Recordações pessoasas" de Platon de Vaxel.<sup>8</sup>

As páginas centrais constituem frequentemente um prolongamento dos artigos da página inicial, os quais reflectem essencialmente as tendências musicais da época, quer no plano nacional, como acontece com a série "Bandas militares"<sup>9</sup> sobre a formação dos músicos militares e o ensino da música no Conservatório de Lisboa, quer estrangeiro, com artigos como a "Musica do futuro",<sup>10</sup> tradução do ensaio de Wagner a partir de uma versão francesa, e "A flauta Briccialdi e a flauta Böhm".<sup>11</sup> Nestas páginas encontramos ainda artigos ou textos de cariz histórico, como "Historia da rabeça, ou violino" por J. J. Garcia Alagarim<sup>12</sup> e a tradução do tratado de canto de Pier Francesco Tosi, realizada a partir da versão francesa de Théophile Lemaire.<sup>13</sup>

A rubrica folhetim é normalmente preenchida com episódios, muitas vezes de carácter anedótico, da vida de compositores e intérpretes do passado, notando-se um especial interesse por figuras como Haydn ou Gluck, na esteira da valorização da música

*João IV* (Porto, Imprensa Portugueza, 1873).

<sup>4</sup>Nº 16, 1 de Fevereiro de 1874.

<sup>5</sup>Nº 20, 10 de Março de 1874.

<sup>6</sup>Nº 12, 20 de Dezembro de 1873.

<sup>7</sup>Idem.

<sup>8</sup>Iniciado no nº 44, 11 de Novembro de 1874.

<sup>9</sup>Iniciado no nº 3, 20 de Setembro de 1874.

<sup>10</sup>Iniciado no nº 27, 21 de Maio de 1874.

<sup>11</sup>Iniciado no nº 44, 39 de Setembro de 1874.

<sup>12</sup>Iniciado no nº 1, 1 de Setembro de 1873.

<sup>13</sup>Iniciado no nº 42, 21 de Outubro de 1874.

germânica, como por exemplo "A mocidade de Haydn",<sup>14</sup> "O ensaio geral d' *Iphigénie en Tauride*"<sup>15</sup> ou "Gluck (Conto de Hoffmann)".<sup>16</sup> No entanto, o mais importante contributo desta secção é constituído pela série de dezanove artigos intitulada "Estudos sobre a historia da musica em Portugal" da autoria de Platon Lvovitch de Vaxel. Por seu lado, a página final inclui recensões, notícias diversas geralmente extraídas de periódicos estrangeiros, expediente e alguns anúncios. A relativa debilidade da vida musical lisboeta fora do Teatro de S. Carlos, bem como o reduzido número de correspondentes no estrangeiro (além das crónicas de Vaxel apenas encontramos correspondência regular de Génova, Londres e Paris), transformam muitas vezes a secção de recensões numa rubrica essencialmente dedicada ao teatro declamado.

O editorial do primeiro número incita todos os músicos à defesa da sua causa profissional, o que levou o Montepio Filarmónico, uma associação corporativa de músicos de orquestra, a eleger *A Arte Musical* como seu órgão oficial,<sup>17</sup> mas faz em simultâneo o diagnóstico da decadência da prática e do ensino da música em Portugal. Este diagnóstico corresponde a uma situação real, uma vez que as novas instituições surgidas com o regime liberal depois de 1834 não haviam sido capazes de criar alternativas válidas às instituições setecentistas entretanto extintas, mas reflecte também o debate entre italianismo e germanismo que marcou a historiografia musical portuguesa do século XIX e uma boa parte do século XX.<sup>18</sup> Não podemos deixar de mencionar também a influência do decadentismo, que se afirma como uma tendência dominante nos finais de oitocentos e que irá marcar muitas das páginas do periódico.

Por seu lado, o jornal *A Arte Musical. Revista Quinzenal Musica, Litteratura, Theatro e Bellas-artes* (1890-1891), que iniciou a sua publicação a 20 de Setembro de 1890, era propriedade do armazém de música e pianos Mata Júnior & Rodrigues, do qual era sócio o pianista e professor do Conservatório de Lisboa João Eduardo da Mata Júnior (1850-1928), ele próprio colaborador do jornal. Nos meses de Agosto e Setembro de 1891 a sua publicação foi suspensa, continuando depois entre Outubro e Dezembro do mesmo ano, data em que terminou.

Não contando entre os seus colaboradores a plêiade de musicógrafos e investigadores da primeira *A Arte Musical*, o novo jornal é relativamente pobre no que respeita ao estudo da música portuguesa mas, à semelhança do seu antecessor, apresenta-se como um defensor da classe profissional dos músicos, lastimando logo no primeiro número o desprestígio dessa profissão e a falta de incentivo e apoio dos poderes públicos ao

<sup>14</sup>Iniciado no nº 1, 1 de Setembro de 1873.

<sup>15</sup>Iniciado no nº 9, 20 de Novembro de 1873.

<sup>16</sup>Iniciado no nº 19, 1 de Março de 1874.

<sup>17</sup>Nº 1, 1 de Setembro de 1873, nº 2, 10 de Setembro de 1873, e nº 28, 1 de Junho de 1874.

<sup>18</sup>V. Paulo Ferreira de Castro, "O que fazer com o século XIX? - Um olhar sobre a historiografia musical portuguesa" *Revista Portuguesa de Musicologia* 2 (1992), pp. 171-183.

desenvolvimento musical. Apesar de afirmar estarem entre os seus colaboradores muitos professores do Conservatório, uma parcela substancial dos artigos musicais está assinada pelo director literário, João Carlos Melo Barreto (1873-1935), incluindo as críticas à actividade operática do Teatro de S. Carlos. Com dezassete anos apenas, Melo Barreto estava então no início da sua carreira de jornalista e não tinha ainda enveredado pela vida política que o levaria à diplomacia. Posteriormente colaborou no jornal *Amphion* e foi secretário da empresa do Teatro de S. Carlos em 1897-98, mas ao contrário de Vasconcelos ou Vaxel, nunca se transformou verdadeiramente num musicógrafo, não tendo chegado a publicar obras de vulto.

Com um formato de oito páginas a duas colunas, a segunda *A Arte Musical* mantém uma estrutura bastante uniforme ao longo de toda a sua existência. As primeiras duas páginas são normalmente preenchidas com artigos de fundo de carácter histórico, como a "Historia da musica. Desde os tempos da antiga Grecia até hoje" da autoria de David Sutter e em tradução de Mata Júnior,<sup>19</sup> ou sobre questões polémicas, como a série de artigos de Melo Barreto sobre "A criação do teatro de opera nacional",<sup>20</sup> um projecto do compositor Alfredo Keil (1850-1907), mas podemos encontrar também notícias sobre a actividade do Conservatório de Lisboa, biografias de cantores e recensões de obras portuguesas, como a ópera *Frei Luís de Sousa* de Francisco de Freitas Gazul (1842-1925)<sup>21</sup> estreada pela companhia italiana do Teatro de S. Carlos em 1891. O jornal assume aqui uma postura nacionalista empenhada que encontramos também na rubrica "Cantores portugueses", dedicada à divulgação de notícias sobre a a carreira dos cantores líricos portugueses no estrangeiro. É necessário notar que se a defesa e exaltação dos valores nacionais aparece como uma reacção à situação de crise económica e social em que o país se encontrava no final do século, agravada pela humilhação sofrida com o ultimato inglês de 1890 e associado a ideias republicanas, o período entre os anos noventa do século XIX e a primeira década do nosso século foi talvez o único da história da música portuguesa em que um grupo significativo de cantores nacionais se afirmou no plano internacional, não só no domínio do repertório franco-italiano mas também do alemão.

Nota-se, por outro lado, um alargamento do espaço dedicado à poesia, com a participação de vários nomes conhecidos das letras portuguesas do final do século XIX como Alberto Osório de Castro, António Feijó, Guiomar Torrezão e D. João da Câmara. Curiosamente, a rubrica "Opera lyrica em S. Carlos" aparece normalmente nas páginas interiores, depois das secções dedicadas aos cantores portugueses e à poesia. As últimas páginas são preenchidas com as rubricas "Movimento artistico" onde se incluem pequenas notícias de cantores, "Noticias diversas" e "Revista theatral", na qual são apresentadas recensões sobre a actividade dos teatros de Lisboa. Nos dois primeiros números foi também incluída uma secção de anúncios, propagandeando os produtos e serviços da casa editora.

<sup>19</sup>Iniciado no nº 3, 20 de Outubro de 1890.

<sup>20</sup>Iniciado no nº 11, 20 de Fevereiro de 1891.

<sup>21</sup>Nº 13, 11 Março de 1891.

Embora sob diferentes orientações e com um intervalo de dezassete anos entre ambos, nota-se no conjunto dos dois periódicos uma linha de continuidade que consiste na afirmação da defesa dos músicos portugueses enquanto classe profissional. No entanto o âmbito cultural dos dois jornais transcende em muito esse problema, uma vez que os artigos de fundo sobre a vida musical portuguesa não são escritos por músicos práticos mas por um grupo de intelectuais, sem ligação directa ao meio profissional, que projecta nas questões levantadas um debate ideológico mais amplo: o confronto entre cultura musical operática e cultura instrumental ou o problema da criação de um nacionalismo musical português. A grande excepção é constituída pela série de artigos "Bandas militares" assinados por C., provavelmente um chefe de banda, onde se reflectem directamente preocupações de carácter profissional.

### Notas para o utilizador

O trabalho de edição dos dois jornais contidos neste volume encontrou à partida dificuldades no que respeita à ortografia, incluindo os acentos. De facto, as sucessivas reformas ortográficas de que tem sido alvo a língua portuguesa nos últimos cem anos, afastando-a da ortografia das suas congéneres latinas, colocam problemas de equivalência nem sempre de fácil solução. Optou-se pela actualização da grafia antiga nas palavras-chave do Índice, de modo a facilitar a sua consulta. No caso das óperas e outras obras com um título próprio, decidimos no entanto manter entre rectos, no Calendário, a versão dos títulos fornecida pelos jornais. Por outro lado, em virtude da sua deficiente qualidade tipográfica, os dois jornais apresentam numerosas gralhas, o que nos obrigou a uma conferência cuidadosa dos nomes estrangeiros, em especial de teatros, compositores e intérpretes, os quais optamos por incluir na grafia correcta sempre que aparecem dentro de parênteses rectos e no Índice (por exemplo e Theodorini>Teodorini). Há contudo diversos casos de nomes de intérpretes estrangeiros pouco conhecidos, nomeadamente italianos, em que se torna praticamente impossível saber qual a ortografia correcta, sobretudo pelo que se refere às duplas consoantes.

A frequente inclusão de secções com pequenas notícias, muitas vezes extraídas de outros periódicos, foi tratada de forma diferente nos dois jornais. Em *A Arte Musical* (1873-75) optamos por fazer uma selecção das notícias com base nos seguintes critérios: a inclusão de todas as notícias relativas à música em Portugal bem como de outras de manifesta importância para a história da música ocidental (por exemplo, a da composição da ópera *Boris Godunof* de Mussorgsky, da estreia do Requiem de Verdi ou da preparação da estreia da Tetralogia de Wagner), tendo-se dado ainda especial relevo às notícias de Espanha dada a relação histórica e musical existente entre os dois países. Foram no entanto excluídas todas as notícias de carácter anedótico, aquelas que são tratadas de forma mais alargada nos números seguintes, bem como as de dimensão muito reduzida sobre assuntos de importância secundária no quadro da história da música ocidental. No caso de *A Arte Musical* (1890-1891), a existência de pequenos títulos facilitou a inclusão

de quase todas as notícias, optando-se apenas por acrescentar entre parênteses rectos alguma informação complementar quando esta se revelou necessária.